
DANÇA

PEQUENO TEXTO PARA A REVISTA ELETRÔNICA DA ANA LUIZA FREIRE

Dançar: palavra e discurso, evento e obra.

Quero falar da dança. Preciso de um ponto de partida ou, para aproveitar a riqueza simbólica da dança, preciso acertar o passo para entrar na dança. O meu passo inicial, não sei, se parte de muito longe ou de muito perto, na verdade, não gostaria que partisse nem de longe, nem de perto, mas de dentro da dança, melhor, fosse dança. A dança, como toda arte, somente será apreciada mergulhando no seu interior. O dançante, como o apreciador de arte, é co-autor. Acredito que somente a palavra oferece as condições de um começo interno.

Palavra e discurso

O mundo das palavras é surpreendente. Os poetas, muito antes dos ecologistas - talvez sejam os primeiros e eternos ecologistas -, nos ensinaram admirar, contemplar e reinventar a natureza em palavras e ritmos. As belezas do universo em movimentos, cores e relevos continuam sendo as paisagens principais de quem tem o olhar do poeta e do artista. Ambos transcendem o fenômeno natural através da linguagem, talvez, o fenômeno natural esteja mais próximo daquilo que se manifesta no imaginário do poeta. Por que haveria de ser aquele do cientista? É na fertilidade do traço, das cores, das formas e da palavra (fala) que o universo adquire mais uma dimensão, a humana. Surgem assim mundos humanos, o do desenho, o da escultura, o dos quadros e o da palavra. Mundos alicerçados sobre o discurso no sentido mais amplo da manifestação humana.

Num breve retrospecto até as raízes de nossa civilização ocidental, encontramos a palavra como fonte primordial. Javé, o Deus bíblico, criou tudo o que existe pela força da palavra. “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz foi feita” (Gen. cap.1,v.3). Para os gregos o *Logos*, a palavra, é o fundamento do mundo. A mensagem da era cristã começa dizendo que no começo era o Verbo. Vilem Flusser, já inspirado nos estudos lingüísticos, afirma que o ser humano buscou no fundo da estrutura aparentemente caótica do mundo, uma ordem que foi traduzida em palavras (fala), discurso e língua. (Língua e realidade p.11)

Todo o esforço dos seres humanos de mostrar sua percepção do universo pode ser entendido como “*Poiesis*” (poesia=criação). Entramos no campo simbólico, tão bem descrito por Paul Ricoeur. A capacidade de simbolizar, que, para Cassirer, seria a verdadeira identidade do homem, nos possibilita criar mundos infinitos. Não posso ir além destas referências superficiais, pois devo ater-me ao meu propósito inicial, falar da dança.

É como emergência simbólica que a linguagem se constitui como realidade humana. E a linguagem não pode ser circunscrita à oralidade, antes de ser oral, ela foi gesto, foi traço, foi cor, foi forma. Pode-se dizer, sem sobressaltos, que a linguagem humana adquiriu um estatuto mais sólido e mais rigoroso quando se tornou palavra (diga-se conceito), discurso e língua, o que lhe conferiu uma certa autonomia e distanciamento do mundo fenomenal. Vejo a dança, palavra e evento, inserida neste contexto. Portanto, acredito, poder afirmar que o mundo languageiro nos oferece dois tipos de palavras que eu designaria como aberto um, e outro fechado. Vou começar falando do segundo tipo.

Palavras fechadas.

As palavras fechadas surgiram como conseqüência do rigor científico, cujo início se dá na instauração do pensamento lógico-racional. É o saber conceitual. Cria-se assim o conceito, como a

expressão de uma verdade objetiva e definitiva. Ele representa o enclausuramento do real. Atitude cognitiva fundamental para os gregos que privilegiaram a estabilidade do real, ou o mundo das essências. Assim, aos poucos, a palavra foi perdendo a condição de ser a fala dos humanos, para se tornar a expressão da cientificidade. Com a matematização da linguagem científica atingiu-se o máximo de fechamento de uma língua. Um fenômeno muito bem denunciado por Herbert Marcuse quando trata do *Fechamento do Universo da Locução*. (Ideologia da Sociedade Industrial p.92).

Felizmente este fechamento não consegue esterilizar, por completo, a *poiética* humana. Haverá sempre alguma palavra subversiva, resistente, ambígua e libertária. Assim é possível investir no imaginário que rompe o círculo dos conceitos egocêntricos, e abre espaço para formas excêntricas de falar.

Palavras abertas

As palavras abertas situam-se na excentricidade. São flutuantes, ambíguas, voláteis e disponíveis para dizer infinidades de coisas. São elas que possibilitam a fala cotidiana, a poesia e a arte literária. Colocam-se a serviço do imaginário humano para criar e recriar novos mundos de horizontes elásticos, ao contrário da linguagem racional e científica que precisa dizer uma coisa só e fixar os limites do cosmos.

A dança é uma destas palavras abertas. Dançar, segundo uma definição, consistiria em movimentar-se daqui e dali. Como se observa, há pouco rigor. A falta de rigor conceitual garante uma polissemia fantástica para expressar inúmeras situações existenciais e percepções subjetivas. Não é preciso lembrar as múltiplas e variadas expressões que foram construídas sobre a força simbólica da dança e do dançar. Cada um pode percorrer esse imenso mostruário semântico cuja matéria prima é a dança, que nos é oferecido pela linguagem.

Evento e obra

A dança é um evento. Mas eventos isolados não existem. O isolamento é obra das ciências através da criação de objetos autônomos. De fato todos os eventos formam uma unidade cósmica, inclusive a dança. Por isso, é preciso reconhecer que a dança não é um fenômeno exclusivamente humano. O homem não pode ser tomado nem como ponto de partida, nem como ponto de chegada da dança, mas um momento da mesma. Os animais, em especial os societários, têm na dança o meio de comunicação, de sedução e exuberância. Por exemplo, as abelhas, revelam as pesquisas de Karl Von Frisch, fazem da dança sua linguagem. Mas a dança, antes de qualquer ser vivo, seria praticada pelo universo. O movimento dos astros, dos planetas e dos corpos celestes estaria mais para comportamentos dançantes do que de submissão a leis físicas. Kepler, opondo-se a Galileu, defendeu a idéia de que as relações de todos os corpos celestes têm o caráter da dança por que são musicados e cantantes. Há pouco tempo, o físico brasileiro Marcelo Gleiser publicou um livro com o sugestivo título: *A Dança do Universo*.

A dança, no mundo humano, começa como manifestação do sagrado. Ela é uma forma primordial de comunicação com a divindade. A dança litúrgica celebra a vida, sua exuberância, sua aleatoriedade, sua perpetuidade e sua fecundidade. Neste último ponto entra a dimensão erótica, isto é, do amor, como garantia de interação vital.

A seqüência da emergência da dança acontece como manifestação lúdica. Dançar é, fundamentalmente, brincar. Sacralidade e ludicidade são os ingredientes mais legítimos do dançar. O último passo da dança seria o da estética, quando a dança se torna uma coreografia simétrica, desenhada e formalizada. Neste caso, imita-se o procedimento das ciências, não há necessidade do dançante. O dançante, enquanto ser gestual, deixa de ser o criador da dança, mas o executor. Tal

atitude, certamente, nos permite fazer comparações com outros cerceamentos de manifestações humanas. Assim, a liberdade de pensar é tolhida pelas estruturas lógicas e racionais; a liberdade de falar encontra o controle das gramáticas e dos léxicos; a liberdade de movimento acaba nos exercícios e técnicas corporais.

Para concluir, diante desta situação, acredito ser correto parodiar algumas idéias de Luiz Fernando Veríssimo, reconhecendo que não é de se estranhar que as pessoas, atualmente, desconfiem cada vez mais do racional, embora este nos tenha dado o satélite rastreador de nossas posições planetárias sem, entretanto, eliminar nossa crescente desorientação, e, por isso, busquem refúgio no místico, no tribal e no maluco.

Silvino Santin
Santa Maria, 01.02.2004.